



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



EPISTEMOLOGIAS OUTRAS:

**A NARRATIVA LITERÁRIA PÓS-COLONIAL COMO FONTE DE EVIDÊNCIA
HISTÓRICA NO ENSINO DE HISTÓRIA DE ÁFRICA**

Tathiana Cristina S. A. Cassiano ¹

Resumo: Este trabalho, por meio de aportes teóricos do campo de estudos pós-coloniais e decoloniais, se pauta na construção de estratégias outras no ensino de História de África que, dentro dos parâmetros estabelecidos pela Lei 10.639/2003, contemplem as populações africanas como protagonistas de suas histórias, para além de uma perspectiva eurocentrada que prevalece nas produções de material didático que abordam essa temática. Para tal intento, propomos o diálogo da História com a Literatura, particularmente a literatura da nigeriana Flora Nwapa, considerando primeiro que, por meio deste diálogo, é possível perceber a importância do uso de narrativas históricas na aprendizagem escolar, acreditando que a escrita de Flora, portanto, seu testemunho histórico, nos possibilitará construir uma interpretação das vivências de mulheres africanas pós-independência na Nigéria. Segundo, porque encontramos na literatura o indicativo maior deste protagonismo à medida em que os sujeitos desenvolvem sua própria narrativa. O uso da obra literária como fonte para o estudo da História vem ao encontro com os mais recentes debates acerca da aprendizagem histórica em sala de aula, não apenas como confirmação de dados e informações, mas como fonte de evidência histórica que possibilite ao aluno comparar e dialogar com perspectivas outras, observar mudanças, permanências e promover uma reflexão sobre o tempo presente.

Palavras-chave: História de África, Ensino de História, Literatura.

INTRODUÇÃO

Este ensaio é decorrente da pesquisa por mim desenvolvida para obtenção do título de mestra em Ensino de História pelo PROFHISTÓRIA na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) no ano de 2020². Sob a orientação da professora Dra. Cláudia Mortari, desenvolvi um material didático na forma de *e-book* ilustrado que, utilizando a literatura como instrumento de produção de conhecimento acerca das Áfricas, permite ao professor da

¹ Mestra em Ensino de História pelo PROFHISTÓRIA – UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina), pesquisadora associada ao AYA Laboratório de Pesquisa Pós-colonial e Decolonial (FAED/UDESC), tathi.leandro@gmail.com (e-mail)

² Pesquisa intitulada “[...] Vai haver outra guerra, a guerra das mulheres”: o protagonismo das mulheres igbos na escrita literária de Flora Nwapa (Nigéria 1960/1980).



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



educação básica abordar a história do continente africano fora de uma perspectiva eurocentrada que prevalece nas produções didáticas sobre o tema³. Este *e-book* utiliza a escrita literária de Flora Nwapa, mulher igbo, nigeriana, e sua obra *Efuru* como instrumentos para um Ensino de História com o compromisso de uma prática pedagógica que visibilize a experiência de diferentes sujeitos em sala de aula e contribua para uma educação antirracista.

Por meio da literatura de Flora Nwapa, das características de suas personagens e da experiência da autora evidenciada nos diferentes aspectos de sua escrita, foi possível perceber a agência de mulheres igbos diante do contexto da Nigéria na primeira metade do século XX. É justamente sobre esse aspecto da pesquisa que dedicarei as reflexões deste ensaio cuja organização apresento a seguir.

Na primeira parte do texto, faço uma breve apresentação da autora e do seu *lócus*⁴, bem como de suas obras, particularmente a obra *Efuru* sob a qual recaiu nossa análise. Argumento como o estudo sobre, com e a partir da escrita literária de Flora permitiu compreender a experiência das mulheres igbos dentro do contexto do colonialismo inglês na Nigéria, recorte temporal abordado em *Efuru*. Na segunda e última parte, concluo com uma descrição das principais partes do material didático (*e-book*) desenvolvido a partir da pesquisa.

SOBRE, COM E A PARTIR DE FLORA NWAPA

O diálogo com Flora Nwapa foi estabelecido no propósito de construir uma interpretação da conjuntura dos eventos relacionados à história igbo, partindo das experiências e vivências da autora. Desse modo, foi possível “perceber experiências coletivas e iluminar contextos históricos mais amplos e complexos” (REIS, 2008, p. 316).

³ Objetivo que dialoga com a Lei nº 10.639/2003 (mais tarde alterada pela lei nº 645/2008) que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira.

⁴ Nesta pesquisa utilizo o conceito de *lócus* de enunciação que, de acordo com Grosfoguel (2008), refere-se ao fato de nossos conhecimentos são sempre situados e que cada indivíduo fala a partir de um lugar geopolítico e corpo político.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Florence Nwanzuruahu Nkiru Nwapa foi professora, escritora e editora nigeriana, nascida na cidade de Ugwuta na Nigéria em meio a uma família igbo⁵, no ano de 1931. Ao contrário da maior parte das mulheres de sua época, Flora frequentou escolas missionárias de educação primária e escolas de educação superior na Nigéria (Universidade de Ibadan) e na Escócia (Universidade de Edimburgo) (CHUKU, 2013).

Tratada como “mãe da literatura africana” devido ao fato de ser a primeira mulher africana a publicar uma obra em inglês e a ser reconhecida internacionalmente⁶, Flora também atuou no serviço público ocupando cargos em ministérios após a guerra civil que assolou a Nigéria⁷, e foi pioneira no mercado editorial ao ser a primeira mulher a comandar uma editora no continente africano, a Tana Press Limited (1970) e Flora Nwapa Books (1977) (*ibid.*).

Flora escreveu cinco obras categorizadas como romances: *Efuru* (1966), *Idu* (1970), *Never Again* (1975), *One is Enough* (1981) e *Woman are Different* (1986). Também escreveu duas coletâneas de contos e vários livros infantis antes de seu falecimento em 1993 em decorrência de uma pneumonia. *Efuru*, a primeira obra de Flora, foi publicada pela editora Heinemann, com sede em Londres. Esta obra foi pioneira por evidenciar a perspectiva feminina que, segundo Flora, era negligenciada pela escrita masculina de seus colegas africanos (UMEH; NWAPA, 1995).

A obra é escrita no idioma inglês falado pelo povo igbo, uma variação do inglês nigeriano que surgiu por influência da cultura e idioma igbo no idioma do colonizador, o inglês britânico, e contém elementos linguísticos próprios, como a fala proverbial incorporada na escrita (ASADU; ASADU; AWA, 2017), evidenciando um processo de “africanização” deliberada da língua inglesa (IGBOANUSI, 2001). Essa estratégia pretendia se distanciar da língua colonial e, ao mesmo tempo, transmitir a visão de mundo igbo. Há edições da obra em francês e islandês, porém nunca foi traduzida para a língua portuguesa.

⁵ Os igbos são um dos três maiores grupos étnico-linguísticos que ocupam o território do atual estado da Nigéria. Concentram-se, em sua maioria, na região sudeste, especialmente nas cidades de Enugu, Aba, Onisha, Ugwuta, Asaba e Port-Harcour.

⁶ No ano de 1966 as obras *Efuru*, de Flora Nwapa, e *The Promise Land*, da queniana Grace Ogoto, foram publicadas, porém somente a obra de Nwapa ganhou relativo destaque, ficando registrado como a primeira de uma autora africana publicada em inglês (ONIKOYI, 2018).

⁷ A guerra civil Biafra-Nigéria foi um conflito político causado pela tentativa de separação das províncias ao Sudeste da Nigéria, como a República autoproclamada do Biafra. Esse conflito durou de 6 de julho de 1967 a 13 de janeiro de 1970.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



A história de Efurú se passa em uma comunidade igbo durante o período de domínio colonial da atual Nigéria e é protagonizada por Efurú, uma jovem filha de Nwashike Ogene, líder respeitado dentro da comunidade cuja riqueza tem raízes no antigo comércio de escravizados na região. A vida e os dilemas de Efurú são desenvolvidos pela autora por meio da interação dessa personagem com outras mulheres importantes na obra: a forte e destemida Ajanupu, a bondosa Ossai, sogra de Efurú, a sofrida Nwabata, a jovem Ogea e, principalmente Uhamiri, a deusa do lago de Ugwuta que marca o destino de Efurú.

O olhar de Flora para a complexidade feminina fica evidenciado nas histórias criadas para cada uma das personagens. O interesse da autora está nas rotinas e rituais da vida cotidiana dessas mulheres (CHUKU, 2013), nas experiências familiares e comunitárias destas, muito distante da visão de mulheres submissas comumente encontrada na abordagem que a literatura ocidental faz das mulheres africanas em geral.

Flora Nwapa nunca escondeu a intencionalidade de sua escrita em promover uma interpretação mais equilibrada das experiências de mulheres igbos na Nigéria. Sua trajetória e modos de ver o mundo eram marcados por sua vivência na infância entre as mulheres de Ugwuta, quando estas iam à casa de sua mãe, uma ex-professora que atuava com revenda de tecidos e costuras, para negociar e contar histórias (UMEH; NWAPA, 1995). Suas personagens são a personificação dessas mulheres, descritas por Flora como independentes e assertivas (CHUKU, 2013).

Essa assertividade se evidencia na escrita de Flora pela capacidade dessas mulheres, mesmo dentro das limitações impostas pelo colonialismo, em negociar posições, assumir espaços e dominar setores produtivos, como a produção de óleo de palma e o comércio (FALOLA; HEATON, 2008).

O gosto pelos livros Flora atribuiu à sua experiência como estudante (NWAPA, 2007). Na escola lia tudo o que estava ao seu alcance até que, um dia, se deparou com livros escritos por nigerianos, Cyprain Ekwensi e Chinua Achebe, que lhe serviriam de inspiração como escritora. Assim como esses autores, Flora abordava os diferentes aspectos da cultura igbo, no entanto, os usou para capacitar e elevar as mulheres e ressaltar como estas atuavam enquanto guardiãs da herança cultural e dos costumes igbos (CHUKU, 2017).



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Ao longo da escrita de Efuru, Flora destacou o papel social dessas mulheres em momentos como casamento, nascimento, sepultamento, negociações, as escolhas e dilemas destas diante da falta de filhos, poligamia, estratégias de sobrevivência e, é claro, a cosmogonia. A autora não objetivava a construção de heroínas ou vilãs, mas de pessoas complexas, multifacetadas, muito distante da percepção racializada e essencializada que o olhar eurocêntrico ocidental desenvolveu acerca das populações africanas.

Essa visão racializada encerra as populações não brancas em uma lógica maniqueísta que naturaliza a inferioridade destas em reação às populações brancas. Para Fanon (2008), isso resulta num processo de desumanização, fruto do colonialismo, no qual em sua posição de pretensa superioridade, o branco não precisa reivindicar reconhecimento de sua existência enquanto um ser, a medida em que o negro é um não-ser, justificando o uso de todo o topo de violência contra ele.

Levando em conta que essa pesquisa, cujo propósito é o desenvolvimento de uma episteme decolonial que emancipa os sujeitos, considerando-os como produtores de conhecimento e que busca romper com essa visão essencializada, produzi um material didático na forma de livro que, em consonância com as reflexões do campo dos estudos pós-colonial e decolonial para o desenvolvimento de metodologias plurais, possibilita uma visão positivada das populações africanas, percebendo-as como “partícipes atuantes do processo histórico e não apenas como vítimas passivas” (MORTARI, 2016, p. 45).

As características deste material estão descritas no tópico a seguir.

O E-BOOK ILUSTRADO SOBRE A HISTÓRIA DAS MULHERES IGBOS

A construção do material didático em forma de *e-book* começou a partir da leitura e tradução da obra. Por meio dessa leitura, foi possível identificar as personagens cujas características permitem perceber a visão de mundo e de sentidos da história da autora, além de identificar a conexão entre as histórias das personagens e o contexto histórico na qual estão inseridas. Além da personagem principal Efuru, outras cinco, cujas histórias com ela se conectam, foram escolhidas para o desenvolvimento de textos narrativos para cada uma delas: Ajanupu, Nwabata, Ossai, Ogea e Uhamiri. Os textos estão acompanhados de ilustrações



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



dessas mesmas personagens em diálogo com as histórias ali descritas, como demonstrado na figura 1.

Figura 1 – Imagem do material didático

EFURU

A bela e jovem Efuru, filha de Nwashike Ogene, um importante homem da aldeia, se destacava por ser uma mulher notável. Tão bela que parecia ser a filha de Uhamiri, a deusa do lago azul.¹ Efuru perdeu a mãe muito cedo, mas foi educada com muito amor pelo pai. Tanto foi a surpresa quando Efuru decidiu fugir para viver com o jovem Adizua, um rapaz pobre e sem condições para pagar o dote.


Adizua era agricultor, mas não era essa a vocação de Efuru. Ela preferiu ficar na cidade e dedicar todo o seu talento de boa negociadora para ir ao mercado e trabalhar no comércio, obtendo assim o dinheiro para o seu dote² e, conseqüentemente, a bênção do pai para o seu casamento. **Foi assim que Efuru conseguiu fazer fortuna**, por isso era admirada por todos, principalmente por sua sogra Ossai e Ajanupu, tia de Adizua, que fez todo esforço possível. **para que Efuru fosse uma boa esposa e mãe**, inclusive ajudando-a quando a pequena Ogonim nasceu.

Efuru e o marido comercializavam inhame. Remavam em uma canoa de sua cidade até um afluente do Grande Rio e de lá para Agbor. Lá, eles compraram inhame e outras coisas raras em sua cidade e os vendiam com lucro. Quando o comércio de inhame estava ruim, comercializavam peixe seco e lagostim. Foi com lagostins que eles fizeram sua fortuna. (NWAPA, 1966, p. 19)

Mas conciliar o trabalho e os cuidados com Ogonim não era o seu maior desafio. Efuru percebeu que seu marido se distanciava, ela se perguntava o porquê

1 Lago azul: lago Oguta

2 Dote: Presente na cultura de algumas sociedades, o dote é a transferência de propriedades dos pais, como presentes, dinheiro ou outros bens quando ocorre o casamento de uma filha.



13

Fonte: Material didático, p. 13

As narrativas não possuem um fim em si mesmas, mas são ferramentas para um processo de aprendizagem histórica que visa compreender o passado e ativar o pensamento (SCHMIDT, 2008). As narrativas desenvolvidas estão articuladas com diversos temas que se destacaram na leitura acerca das histórias das personagens selecionadas. Assim, os temas elencados (cosmogonia e ancestralidade, laços de linhagem, trabalho, colonialismo, educação e relações sociais) foram trabalhados em textos didáticos (figura 2) construídos a partir do diálogo com a produção acadêmica de intelectuais africanos, particularmente da Nigéria, tanto do campo da história como também da literatura, linguística, antropologia, entre outros.



Figura 2: Imagem do material didático

Cosmogonia⁹ e Ancestralidade

Deixe tudo com os deuses e nossos ancestrais, minha filha. Deus curará suas feridas e nossos deuses visitarão Adizua. (NWAPA, 1966, p. 87)¹⁰

O universo dos igbos (uwa) é dividido em terra dos espíritos (ani-mmuo) e terra dos homens (ani-mmadu). Acima disso há o Senhor criador da vida, o Chukwu, cujo trabalho na criação é sempre constante. Ele trabalha com o ser humano (mmadu) para tornar o mundo um lugar melhor, às vezes homem e Criador concordam, às vezes, não. Também acreditavam em várias outras divindades associadas a elementos naturais e nos ancestrais que protegem seus descendentes.

Mas há um elemento bastante importante na cosmogonia igbo: o chi. Entendido como uma espécie de força criadora individual, o chi complementa a identidade humana, não podendo um viver sem o outro. Para os igbos, o chi tem um poder especial sobre o ser humano e que antes mesmo de nascer, é com o chi que o indivíduo negocia seus dons, ta-

mentos e caráter e que define a sua sorte. Assim, uma pessoa é criada por um chi e não há duas pessoas, nem mesmo irmãs de sangue, que possuam o mesmo chi. O chi pessoal é simbolizado por uma pequena escultura chamada Ikenga, cuja posse é reservada aos homens.

Ala (ou Ani), a deusa da terra e da fertilidade, ocupa um lugar de privilégio na cosmogonia igbo. Ela ocupa o papel de juíza da conduta humana, além de ter íntima relação com os antepassados cujos corpos enterrados foram confiados à sua guarda. Ala garante o equilíbrio da vida na comunidade e pune com rigor quem perturba esse equilíbrio cometendo faltas como homicídio, adultério, roubo de inhame, etc. Sacrifícios devem ser feitos à deusa da terra para “remover a abominação” causada por essas faltas.



Figura 9 Foto de um ikenga, símbolo pessoal do chi de uma pessoa. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ikenga_igbo_god.JPG



Figura 10 Festival do Novo Inhame. Fonte: http://nigertansoul.weebly.com/uploads/8/7/2/4/8724373/1909191_orig.jpg

Os espíritos e os ancestrais possuem importante papel na condução da vida na terra. Eles são constantemente consultados por meio de oráculos, sacrifícios são oferecidos a eles para garantir prosperidade, sorte, e, principalmente, fertilidade para a continuação da vida igbo. Por isso, as crianças são consideradas uma bênção e a infertilidade uma maldição. Um dos eventos mais conhecidos no qual se agradece aos deuses e ancestrais por mais um ciclo de colheita é o Festival do Novo Inhame.

⁹ Segundo dicionário da língua portuguesa, Cosmogonia é o conjunto das teorias, doutrinas, princípios ou conhecimentos que se dedicam à explicação sobre origem do universo.

¹⁰ Leave everything to the gods and our ancestors, my daughter. God will heal your wounds and our gods will visit Adizua (tradução nossa)

O *e-book* também inclui uma apresentação geral do próprio material, uma breve biografia de Flora Nwapa, uma contextualização histórica acerca do povo igbo e uma apresentação do livro *Efuru*. Estão incluídos um mapa da Nigéria, fotografias, glossário explicativo de termos e expressões específicas da cultura igbo e trechos da obra traduzidos e organizados por temas. A última parte do material é composta das referências bibliográficas utilizadas especificamente para a construção dos textos utilizados no material.

A organização da estrutura do *e-book* não implica que este deva ser utilizado a partir de uma sequência obrigatória, permitindo ao professor ter liberdade em escolher se utiliza as partes articuladas entre si ou isoladamente (figura 3). É também um material de leitura, que



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



pode servir de introdução para o estudo da vida e obra de Flora Nwapa bem como da história de mulheres igbos na Nigéria.

Figura 3: Imagem do material didático

Sumário	
EFURU: A HISTÓRIA DAS MULHERES IGBOS NA LITERATURA DE FLORA NWAPA	
7 APRESENTANDO FLORA NWAPA	24 TEXTOS DIDÁTICOS
8 QUEM É FLORA NWAPA?	25 Cosmogonia e Ancestralidade
9 QUEM SÃO OS IGBOS?	26 Laços de linhagem
10 A OBRA EFURU	27 Colonialismo
12 AS PERSONAGENS	28 Trabalho
13 EFURU	29 Educação e Relações Sociais
16 AJANUPU	31 FONTES DE PESQUISA
17 OSSAI	32 Cosmogonia e Ancestralidade
18 NWABATA	34 Laços de linhagem
20 OGEA	35 Colonialismo
22 UHAMIRI – A DEUSA DO LAGO AZUL	36 Trabalho
	37 Educação e Relações Sociais
	40 REFERÊNCIAS

Fonte: material didático, p. 6

Para que este material seja acessível a professores de qualquer parte do país, ele está disponível em extensão .PDF por meio do site do AYA – Laboratório de Pesquisa Pós-Colonial e Decolonial⁸, grupo do qual sou integrante e que possibilitou acesso a leituras e discussões importantes no processo da pesquisa.

⁸ Disponível em: <http://ayalaboratorio.com>



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa aqui apresentada, a articulação entre História e Literatura foi utilizada como uma estratégia para romper com a colonialidade na produção de conhecimento histórico sobre as populações africanas. A obra *Efuru*, bem como a trajetória de sua autora, Flora Nwapa, são fontes de evidência histórica que nos permitiu interpretar as vivências de mulheres igbos no contexto da Nigéria da primeira metade do século XX.

As personagens de Flora têm diferentes personalidades, ocupam diferentes espaços sociais e, acima de tudo, são protagonistas de suas próprias histórias. Flora Nwapa inspirava sua escrita nas mulheres de sua infância em Ugwuta, mulheres fortes e independentes, distantes daquele retrato submisso que insistiam em atribuir às mulheres africanas.

E no sentido colaborar com uma prática pedagógica antirracista e com o compromisso de combater os estereótipos comumente associados ao continente africano, reduzindo-os a um passado de miséria e escravidão, desenvolvemos um material didático no formato de um *e-book* ilustrado. O *e-book* foi construído com textos narrativos acerca das características das personagens e textos didáticos abordando temas elencados a partir da obra. Esses textos trazem um panorama do contexto histórico da Nigéria a partir de um diálogo com intelectuais africanos, dentro de uma episteme decolonial que emancipa os sujeitos como produtores de conhecimento e de uma agenda de investigação que se dê com e a partir da sociedade que se quer analisar.

REFERÊNCIAS

ASADU, Victor Chinedu; AWA, Samuel; ASADU, Felicia Oluchukwu. Analyse des faits interpretatifs dans la traduction française d'*Efuru* de Flora Nwapa par Marie-Jo Demoulin-Astre. **Journal of Modern European Languages and Literature (JMEL)**, v. 8, p 16-29, jul. 2017



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



CHUKU, Gloria. Flora Nwapa, Igbo Culture and Women's Studies. In: CHUKU, Gloria (Ed.). **The Igbo Intellectual Tradition**. Nova Yorque: Palgrave Macmillan, 2013, p. 267-294.

FALOLA, Toyin; HEATON, Matthew M. **A History of Nigeria**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GROSGOUEL, Ramon. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, mar. 2008.

IGBOANUSI, Herbert. Varieties of Nigerian English: Igbo English in Nigerian Literature. **Multilingua**, v. 20, n. 4, p. 361-378, jan 2001. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/274213744_Varieties_of_Nigerian_English_Igbo_English_in_Nigerian_literature Acesso em: 25 maio 2020.

MORTARI, Claudia. O “equilíbrio das histórias”: reflexões em torno de experiências de ensino e pesquisa em História das Áfricas. In: PAULA, Simoni Mendes de; CORREA, Silvio Marcus de Souza (Orgs.). **Nossa África: ensino e pesquisa**. São Leopoldo: Oikos, 2016, p. 41-53.

NWAPA, Flora. **Efuru**. Londres: Heinemann, 1966.

_____. Women and Creative Writing in Africa. In OLANIYAN, Tejumola; QUAYSON, Ato. **African Literature: an Anthology of Criticism and Theory**. Oxford: Blackwell Publishing. 2007, p. 526-532.

ONIKOYI, Babatunde. The House Of Nwapa by Onyeka Nwelue (review). In **African Studies Review**, v. 61, n. 3, p. 254-256, set. 2018.

REIS, João José. **Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. S. Perspectivas da consciência histórica e da aprendizagem em narrativas de jovens brasileiros. **Tempos Históricos**. v. 12, p. 81-96, 1º sem 2008.

UMEH, Marie; NWAPA, Flora. The Poetics of Economic Independence for Female Empowerment: Na Interview with Flora Nwapa. In: **Research in African Literatures**, v. 26, n. 2, p. 22-29, summer, 1995. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3820268>>. Acesso em 18 mar. 2018.